

— n.08 — 2020

# RAÇA, GÊNERO E SAÚDE MENTAL NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

**POEMA EURÍSTENES PORTELA  
JOÃO FERES JÚNIOR  
JEFFERSON BELARMINO DE FREITAS**

## INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), desde sua criação, em 2008, produz análises sobre as políticas de ação afirmativa implementadas no Ensino Superior público brasileiro. Utilizando uma metodologia consolidada nos últimos 12 anos, o GEMAA tem mapeado a abrangência e o impacto destas políticas nas universidades federais e estaduais. Ao longo dos anos, observamos uma mudança significativa no perfil do corpo discente universitário, especificamente em relação às características econômicas e raciais.

A Lei 12.711/2012 teve um papel decisivo nessa mudança de panorama ao determinar que ao menos metade das vagas ofertadas nas universidades federais fossem destinadas a pessoas egressas do Ensino Médio público. Além disso, estabeleceu que parte destas vagas teriam recorte de renda (até 1,5 salário mínimo per capita) e racial. Em 2016, a Lei n. 13.409 garantiu que um novo grupo passasse a ter reserva mínima de vagas, as pessoas com deficiência.

Como efeito, nos cinco anos subsequentes à assinatura da lei de cotas — de 2013 a 2018 — mais de 645 mil vagas foram reservadas para o ingresso de estudantes de escolas públicas, pessoas pretas, pardas e indígenas, e pessoas com deficiência nas 63 universidades federais brasileiras<sup>1</sup>.

[1] Freitas, Jefferson B. de; Portela, Poema E.; Feres Júnior, João; Bessa, Águida & Nascimento Vivian. (2020) As Políticas de Ação Afirmativa nas Universidades Federais e Estaduais (2003-2018). Levantamento das políticas de ação afirmativa (GEMAA), IESP-UERJ.

Os levantamentos periódicos das políticas de ação afirmativa feitos pelo GEMAA usam como fonte de dados os documentos disponibilizados pelas universidades públicas em seus processos de seleção. Até há pouco tínhamos quase nenhum acesso aos dados sobre a presença efetiva de cotistas, pois há uma disposição generalizada das universidades de não divulgar esses dados.

Começamos a fechar essa lacuna com essa série de boletins que analisam os dados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras, patrocinada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) e pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE), realizada em 2018<sup>2</sup>.

Neste boletim analisaremos o tema da Saúde Mental, o qual tem ganhado crescente espaço no debate público nos últimos anos. Ele é fundamental para a discussão sobre a permanência qualificada dos(as) estudantes no Ensino Superior em geral, assim como implica diretamente no sucesso acadêmico do público beneficiado pela lei de cotas.

[2] ANDIFES (2019) V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconômico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2020.

## DESENHO METODOLÓGICO

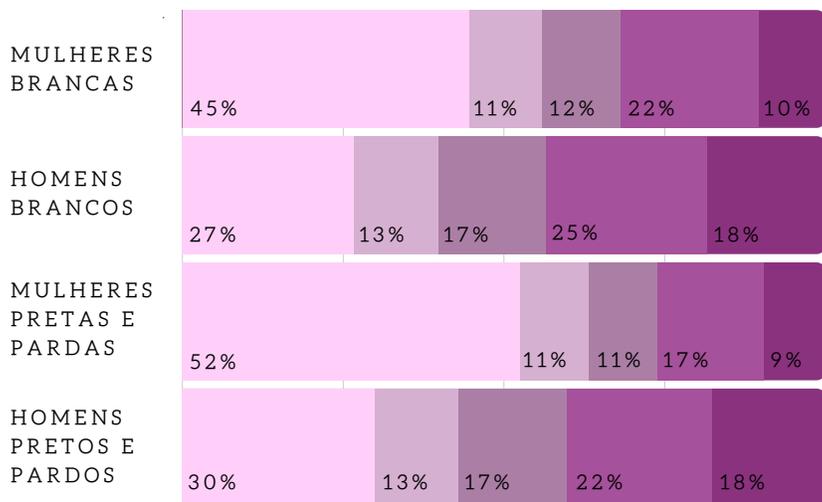
Os dados presentes neste boletim foram coletados entre os meses de fevereiro e junho de 2018, nas 63 universidades federais brasileiras, além do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, do Rio de Janeiro, totalizando 65 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). A coleta foi feita via internet, por meio de questionário eletrônico. A mobilização para seu preenchimento se deu a partir de diversas estratégias de divulgação e formas de abordagem. Ao final da coleta, foram validados 424.128 questionários, o que representa 35,34% do total dos 1.200.300 estudantes matriculados em 355 cursos de graduação presenciais destas IFES, no primeiro semestre de 2018.

Como a pesquisa não conseguiu ser realizada de forma censitária, foi necessário aplicar um procedimento de ponderação da amostra. A partir de 15 informações relativas à identificação do(a) discente e às características do curso em que ele(a) está matriculado(a) na IFES, definiu-se um tamanho mínimo para a amostra de cada instituição, uma espécie de meta.

Após a coleta, adotou-se um plano de amostragem aleatória estratificada (AAE), que definiu um peso amostral para cada estudante, ou seja, o quanto seria sua contribuição a partir dos valores de suas variáveis contextuais. Isto serviu para compensar a sobre ou sub-amostragem nos casos em que havia alguma desproporcionalidade em relação ao universo da pesquisa. Esse procedimento de calibração corrigiu as pequenas diferenças entre as características da amostra e da população, permitindo que fossem obtidas estimativas coerentes com os totais populacionais conhecidos.

## CUIDADOS GERAIS COM A SAÚDE

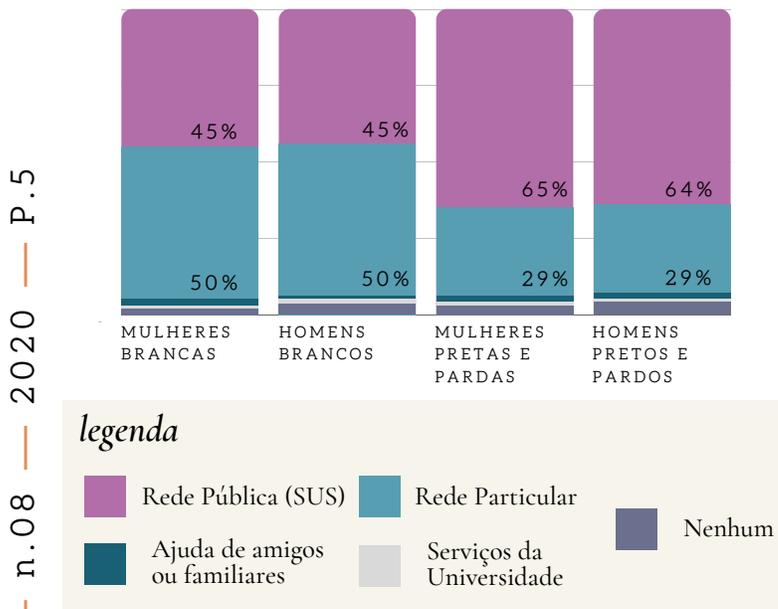
Gráfico 1: Frequência com que praticam atividades físicas



A prática regular de atividades físicas é um dos fatores centrais para a proteção e manutenção da saúde das pessoas. No gráfico ao lado, observamos que os homens tendem a se dedicar mais a elas. Já as mulheres, apresentam percentuais maiores de ociosidade. As graduandas pretas e pardas formam o único grupo em que a maioria não pratica nenhuma atividade física: 52%, quase o dobro do resultado dos homens brancos.

**legenda** Não praticam atividade física Menos de uma vez por semana Uma vez por semana Pelo menos 3 vezes por semana Diariamente

Gráfico 2: A que ou quem recorrem para atendimento médico

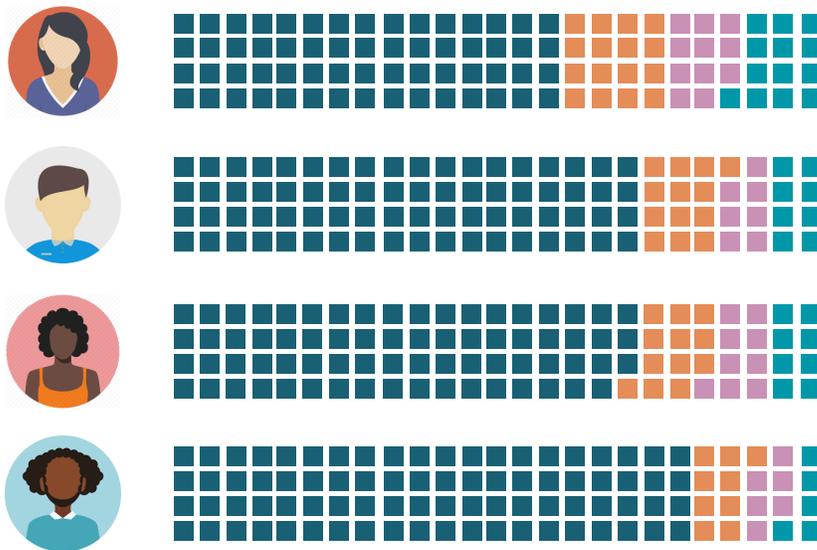


No que toca a busca por atendimento médico, seja preventivo ou para tratamento, as diferenças são mais evidentes entre os dois grupos raciais observados. O SUS é a principal opção para pessoas pretas e pardas. As pessoas brancas utilizam bem menos a rede pública (45%) se comparadas às pretas e pardas (65%), dado bastante relevante.



## TRATAMENTOS PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO

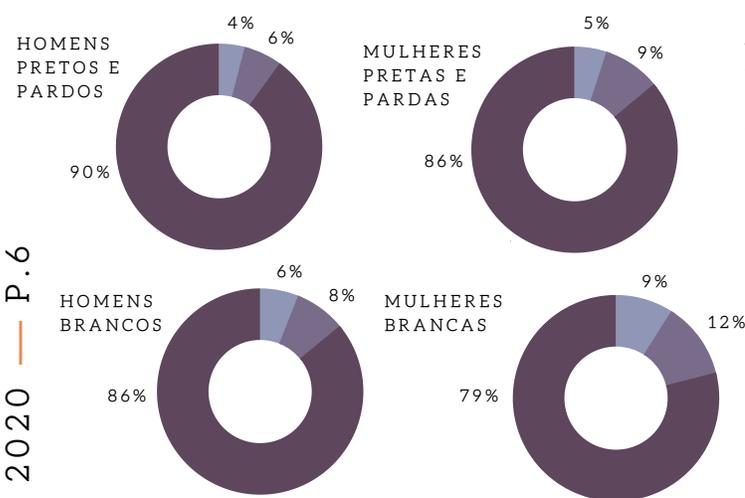
Gráfico 3: Procura por atendimento psicológico ao longo da vida



No que toca o atendimento psicológico, observa-se que, independente da raça e do gênero, a maior parte dos estudantes nunca foi a uma consulta. As mulheres brancas lideram no acesso a esse serviço, uma vez que 40% já utilizaram o serviço em algum momento da vida. Já os homens pretos e pardos estão no outro extremo (21%). Eles também concentram o menor percentual entre os que mantinham acompanhamento psicológico no momento da pesquisa (5%).<sup>3</sup>

legenda ■ Sim, estou em acompanhamento ■ Sim, no último ano ■ Sim, há mais de um ano ■ Não

Gráfico 4: Utilização de medicação psiquiátrica



Acompanhando o dado anterior, as mulheres brancas apresentam a maior proporção de uso de medicação psiquiátrica. Dentre elas, 21% utilizam ou já utilizaram esse tipo de tratamento.

legenda

■ Sim, estou tomando ■ Sim, já tomei, mas não tomo mais  
■ Não, nunca tomei



[3] Além de questões de masculinidade, pode contar para isso o fato de a subjetividade negra “ser ignorada na maioria das graduações em psicologia”, de os pacientes negros serem “vítimas de racismo pelos profissionais que deveriam acolhê-los”, e, por conta disso tudo, “sentirem que não estão sendo compreendidos em suas questões” (Veiga, 2019, p. 145). In: Veiga, Lucas Motta. (2019) Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. Fractal: Revista de Psicologia, v.31, p. 244-248.

## FATORES QUE AFETAM A VIDA E O DESEMPENHO ACADÊMICO

### HOMENS BRANCOS

31% Falta de disciplina para estudar

21% Não tem dificuldades

19% Carga excessiva de trabalhos estudantis

### MULHERES BRANCAS

29% Problemas emocionais

28% Falta de disciplina para estudar

28% Carga excessiva de trabalhos estudantis

As dificuldades financeiras foram o problema mais citado tanto pelos homens, quanto pelas mulheres pretas e pardas, atingindo 26% de ambos os grupos.

Destaca-se que, entre as três dificuldades mais mencionadas pelos homens pretos e pardos, duas estão ligadas a questões externas aos indivíduos e que poderiam ser resolvidas com o suporte de políticas de assistência estudantil, como moradia e auxílio financeiro.

A falta de disciplina para estudar é a dificuldade mais citada na pesquisa, sendo apontada por 26% da amostra.

A categoria se destaca entre os homens brancos, sendo a questão mais citada por este grupo. É notável, também, que a segunda resposta mais frequente entre os homens brancos foi a de que não possuíam nenhuma dificuldade que afetasse seu desempenho acadêmico (21%).

Para as mulheres brancas os problemas emocionais aparecem como fator mais relevante, seguidos pela falta de disciplina no estudo e pela carga excessiva de trabalhos.



### MULHERES PRETAS E PARDAS

26% Dificuldades financeiras

24% Problemas emocionais

23% Carga excessiva de trabalhos estudantis

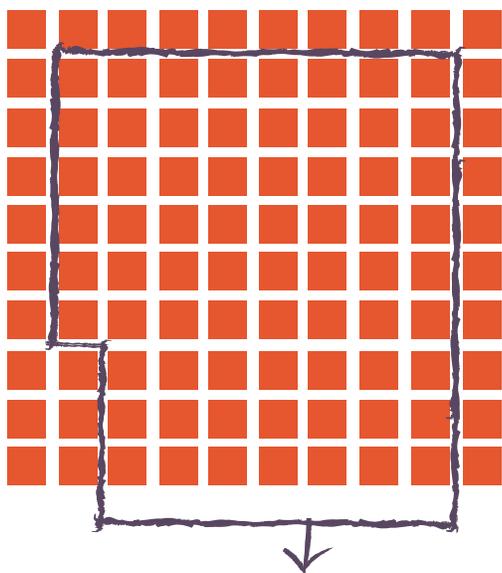
### HOMENS PRETOS E PARDOS

26% Dificuldades financeiras

24% Falta de disciplina para estudar

17% Tempo de deslocamento para a universidade

## DIFICULDADES EMOCIONAIS QUE AFETAM A VIDA ACADÊMICA



Ao todo, 83,5% dos(as) estudantes relatam que alguma dificuldade emocional afeta sua vida acadêmica. Dentre as mais citadas estão a ansiedade (62%), o desânimo e falta de vontade de fazer as coisas (42%), a insônia ou alterações significativas de sono (31%) e a sensação de desamparo ou desespero (26%).

As graduandas são as mais atingidas por essas dificuldades. Entre as pretas e pardas, 67% relatam sofrer com a ansiedade, e entre as brancas, esse percentual chega a 74%.

ANSIEDADE  
DESÂNIMO  
ALTERAÇÕES NO SONO  
DESAMPARO E DESESPERO

### PENSAMENTOS DE MORTE E SUICÍDIO

A proporção de estudantes que relata conviver com a ideia de morte (10,8%) ou com pensamentos suicidas (8,5%) é preocupante, visto que essa é a segunda causa mais frequente de morte entre o público universitário.<sup>4</sup> As mulheres apresentam os maiores percentuais entre as pessoas que têm ideia suicida, representando 60% das que cogitam o ato.

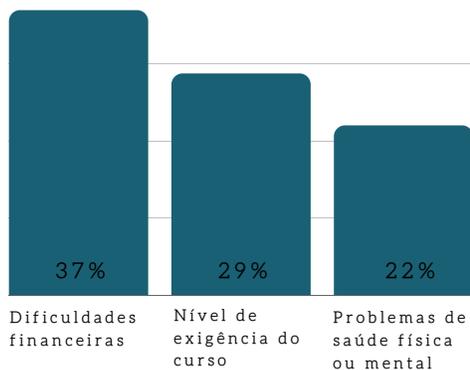


[4] Santos, Hugo et al. (2017) Fatores associados à presença de ideia suicida entre universitários. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 25.

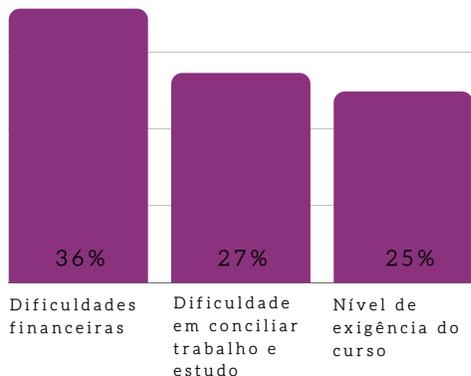
# PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Gráfico 5: Principais motivações para abandono

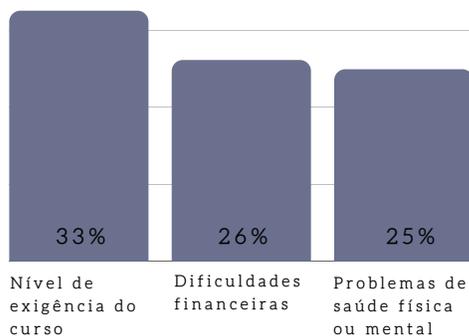
## MULHERES PRETAS E PARDAS



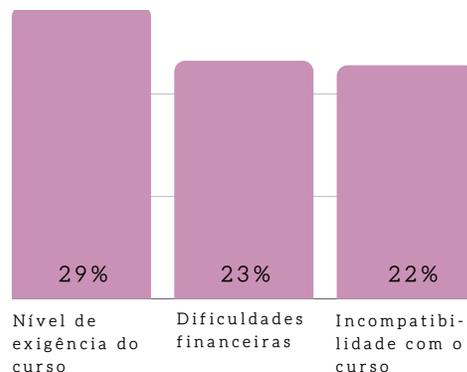
## HOMENS PRETOS E PARDOS



## MULHERES BRANCAS



## HOMENS BRANCOS



A pesquisa indica que mais da metade (53%) dos(as) estudantes de graduação já pensaram em abandonar o curso em que possuem matrícula ativa. Ainda que apresentem resultados bem próximos, as mulheres pretas e pardas são as que têm o maior percentual nesta questão (55%), seguidas pelas mulheres brancas (52%), pelos homens negros (48%) e, finalmente, pelos homens brancos (46%).

As dificuldades financeiras são apontadas por todos os grupos como uma das principais motivações para o abandono, mas ganha destaque entre as pessoas pretas e pardas. Tal questão incide especialmente sobre os homens pretos e pardos, sobretudo se levarmos em consideração que eles indicam como segunda principal motivação a incompatibilidade do estudo com o trabalho.

A questão da saúde, seja mental ou física, é mencionada principalmente pelas mulheres, afetando um pouco mais as brancas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a competição por uma vaga até a adaptação a novas situações e à exigência de sucesso acadêmico, a experiência na universidade pode desencadear ou intensificar uma série de problemas relacionados à saúde mental dos(as) estudantes. Neste sentido, compreender as principais dificuldades encontradas por eles e elas é fundamental para o desenvolvimento de estratégias e políticas que fomentem a qualidade de vida estudantil.

A democratização do ingresso no Ensino Superior brasileiro nas últimas décadas trouxe para a universidade um grande contingente de pessoas oriundas de famílias nas quais a educação superior nunca havia sido uma possibilidade. Tal situação pode gerar sentimentos de inadequação em relação ao novo espaço, discriminação real por parte de outros membros da comunidade universitária e mesmo pressão por bom desempenho acadêmico. Seriam necessários estudos específicos para determinar esse conjunto de efeitos diferenciais.

O propósito deste trabalho foi evidenciar a interação das variáveis raça e gênero com a questão da saúde dos(as) estudantes universitários(as). Os resultados mais significativos encontrados aqui dizem respeito diretamente a políticas que podem ser implementadas dentro das próprias universidades ou por outros órgãos públicos, tais como:

- Incentivar a prática de exercícios físicos, principalmente entre as graduandas.

- Tornar o atendimento médico público disponível no espaço universitário, com efeitos positivos para os(as) estudantes pretos(as) e pardos(as) que proporcionalmente frequentam mais o SUS.
- Tornar o atendimento psicológico mais disponível para os(as) estudantes em geral.
- Fazer campanhas de conscientização sobre os benefícios do atendimento psicológico.
- Incrementar as políticas de assistência estudantil que têm por objetivo diminuir o efeito da desigualdade econômica, como moradia e auxílio financeiro, particularmente para os(as) estudantes pretos(as) e pardos(as).
- Criar políticas especiais de atendimento e conscientização para os estudantes com a ideia de morte ou com pensamentos suicidas.

Diante deste cenário, é preocupante que o Ensino Superior tenha perdido 3,76 bilhões de reais nos últimos 5 anos, frente a um aumento de 10% no número de matrículas no mesmo período.<sup>5</sup> O investimento nas políticas de permanência também se encontra em declínio desde 2017. Enquanto, em 2016, foram alocados mais de 1 bilhão de reais no Programa Nacional de Assistência estudantil (PNAES), no ano seguinte houve queda para R\$987 milhões e, em 2018, para R\$957 milhões.<sup>6</sup> Somado a isso, a maneira como a pasta da educação tem sido tratada dentro do atual governo coloca em xeque tanto a consolidação das ações afirmativas nas universidades federais, quanto a permanência e a saúde mental de pessoas pobres e negras nestes espaços.

[5] INESC. (2020) Relatório Brasil com Baixa Imunidade - Balanço do orçamento geral da União 2019.

[6] ANDIFES (2019) V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2020.